



JORNADA NAS ESTRELAS
TERÁ ESTREIA MUNDIAL
NA AUSTRÁLIA EM ABRIL



ARTES CÊNICAS | Grupos teatrais de todo o País estão em Salvador para participar do V Encontro Nacional Redemoinho, que pela primeira vez será no Nordeste. O evento acontece de hoje à quarta, na Vila Velha | 5 |



PALESTRA | Controverso estudioso da mente humana, psicólogo e linguista canadense Steven Pinker faz palestra amanhã, no Teatro Castro Alves, abrindo a programação de 2009 do Fronteiras Braskem do Pensamento | 3 |

Guerra & Memória

HQ | Chega às livrarias versão em quadrinhos de *Valsa com Bashir*, premiado documentário em animação sobre a guerra no Líbano



O jovem recruta Ari Folman, em 1982, ao chegar ao aeroporto de Beirute: "Eu estava entusiasmado, como se fosse entrar em férias", escreve, antes de perceber todo o terminal em ruínas

CHICO CASTRO JR.
ccastrojr@grupoatarde.com.br

Desde os anos 80, o tema da guerra tem rendido excelentes obras de romance gráfico, como *Maus*, de Art Spiegelman (premiada com o Pulitzer), e *Persepolis*, de Marjane Satrapi, só para ficar nos exemplos mais notórios. Agora, com o lançamento de *Valsa com Bashir*, esta lista acaba de ganhar mais um item de valor.

O que realmente difere *Bashir* de seus predecessores é que a HQ veio a reboque de uma película previamente lançada (ganhadora de diversos prêmios, como o Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro), enquanto *Persepolis* só virou filme de sucesso anos após sua aclamação como HQ. O caso de *Maus* é ainda mais diverso, já que seu criador é contra a adaptação de sua obra.

Já a forma como o roteirista (e diretor do filme) Ari Folman costura sua narrativa se aproxima de *Maus* e *Persepolis*, no sentido de que todos eles partem do tema da memória para reconstruir, de forma cronológica, os acontecimentos de um período traumático de guerra e privação.

Folman utiliza sua obra como uma terapia para reconstruir, na sua cabeça, aqueles dias tenebrosos da invasão israelense a Beirute (capital do Líbano), em 1982, quando a milícia cristã Falangista, apoiada por Israel, massacrava cerca de 3,5 mil refugiados palestinos nos campos de Sabra e Shatila - com a desculpa de que iam purgá-los dos terroristas. Folman, então um recruta do exército, não participou ativamente do massacre.

O *Bashir* do título é Bashir Gemayel, presidente do Líbano apoiado por Israel, cujo assassinato foi o estopim da guerra. O papel do exército israelense - comandado pelo então ministro da defesa, Ariel Sharon - foi o de cruzar os braços e abrir caminho para a milícia fazer o que fez. O trauma ao testemunhar o

resultado da ação dos Falangistas foi tal na cabeça de Folman que ele simplesmente apagou tudo da sua memória.

RECONSTRUÇÃO - Somente décadas depois, conversando em um bar com um amigo dos tempos do exército, Folman se dá conta desta lacuna em sua memória. Ao sair do bar, ele é atingido por uma cena específica da época: ele e dois companheiros saem nus de uma praia em Beirute, enquanto sinalizadores cruzam o céu em meio a hotéis semidestruídos no conflito.

A partir deste momento-chave em sua vida - e na obra em si - ele começa a procurar outros parceiros de combate para reconstruir os dias que vieram antes e depois daquilo, além de conversar com um psicólogo e uma especialista em estresse pós-traumático.

O que se vê daí em diante é uma sucessão de depoimentos fortíssimos, entremeados de sonhos e alucinações, que denunciam, como nas melhores obras do gênero, toda a estupidez e falta de sentido que há em qualquer forma de conflito bélico.

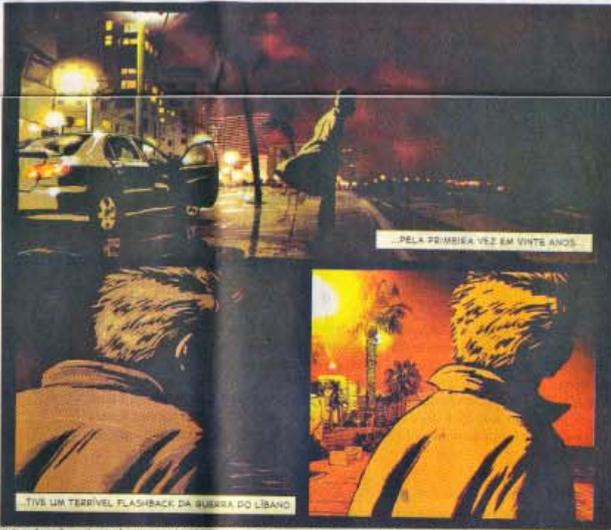
Se em *Persepolis* a narradora era uma jovem intelectual que via o conflito Irã-Iraque enquanto vítima, e, em *Maus*, o relato da guerra serviu para aproximar pai e filho, em *Bashir* a narração parte de alguém diretamente envolvido no combate.

Pior: o relato aqui surge embotado pela dúvida culpa que, silenciosamente, correu um homem durante décadas, até que um gatilho - no caso, uma conversa de bar - disparou uma memória enterrada no subconsciente desta pessoa.

Não à toa, muitos críticos apontaram a obra de Folman como uma forma de descarregar da sua consciência - certamente pesada, depois de testemunhar o massacre de milhares de mulheres, velhos e crianças que habitavam os campos de refugiados em



Cena-chave de *Bashir*: Folman e mais dois soldados saem do mar de Beirute em meio ao massacre



Décadas depois, Folman se dá conta que apagou de sua memória os traumáticos acontecimentos

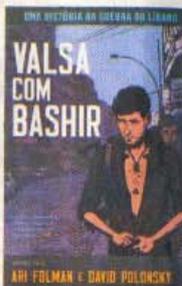
Sabra e Shatila, já que os homens estavam no campo de batalha.

Markada por um clima intimista, *Valsa com Bashir* tem momentos fortíssimos, como o relato do seu amigo Carmi.

Após beberem a noite toda em um barco, ele e seus companheiros desenharam - em uma praia qualquer do Líbano. No lusco-fusco da aurora, atravavam a esmo em qualquer coisa que se mexesse diante deles. Quando o sol surgiu, o resultado a sua frente foi um carro civil - furado como uma peneira - com uma família inteira massacrada dentro.

Mas o pior mesmo ficou para o final: com sua memória restaurada, Folman - e o desenhista e diretor de arte do filme, David Polonsky - substituíram os desenhos por imagens reais aterradoras do massacre nos campos de refugiados. Um golpe final na sofisticada maquiagem pop que emprestava uma moldura artística à história até ali.

O filme, premiado e aplaudido em festivais, tem estreia no Brasil em 3 de abril. A versão em HQ já está nas livrarias.



Valsa com Bashir
Ari Folman e David Polonsky
L&PM Editores
120 p. | R\$ 46

www.lpm.com.br